

- Ed. Verbo, Lisboa, 1972.
- LURIA, A.R. - Fundamentos de neuropsicologia. livros Técnicos, Rio, 1981.
- MCLUHAN, M. - Os meios de comunicação como extensão do Homem. Cultrix, S. Paulo, 1979.
- MARCUSE, H. - A ideologia da sociedade industrial. Zahar, Rio, 1982.
- MAUTNER, J. - Panfletos da Nova era. Global, S. Paulo, 1980.
- MOISÉS, L. P. - Falência da crítica. Perspectiva, S. Paulo, 1973.
- ONRUBIA, L.F.G. - Epistemologia de la Gestalttheorie. In: Ziziemsky, D. (ed.) - Métodos de investigación en psicología y psicología. Nueva Visión, Aires, 133-157, 1977.
- ORWELL, G. - 1984. Cia Editora Nacional, S. Paulo, 1973
- PIAGET, J. - A epistemologia genética. Vozes, Petrópolis, 1972.
- POLITZER, G. - Princípios fundamentais de filosofia. Hemus, S. Paulo, 1975.
- POPPER, K. - A Lógica da pesquisa científica. Cultrix, S. Paulo, 1975.
- SARTRE, J.P. - El ser y la nada. Ed. Losada, Buenos Aires, 1981.
- SILVEIRA, N. - Jung, Vida e obra. José Álvaro, Rio, 1974.
- SKINNER, B. F. - Walden II: uma sociedade do futuro. - EPU, S. Paulo, 1978.
- SKINNER, B. F. - Are the theories necessary? Psychol. Rev. 1950, 57m 193-216.
- SIAVENHAGEN, R. Decolonizing applei social sciences. Human Organization, 1971, 30, 333-57.
- VYGOTSKY, L.S. - Thought and language. MIT Press, Cambridge, 1962.
- WERTHEIMER, M. - Über Gestalttheorie, Berlim, 1924. In: Ellis, W.D. - A Source book of Gestalt psychology, Routledge & Kegan Paul, London, 1974.
- WIENER, N. - Cibernética e sociedade. Cultrix, S. Paulo, 1973.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS SOBRE O ALCOOLISMO

Artêmio da Trindade Ferreira

Artemio da Trindade Ferreira, professor Adjunto IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Formado em Teologia na Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção (PUC-S. Paulo, 1958). Atualmente leciona Psicologia da Personalidade e Psicologia do Homem Brasileiro para o Curso de Psicologia. Foi chefe do Departamento de Filosofia e Psicologia. Realizou vários cursos de Especialização: em Letras Clássicas, na USP (1965/66), em Teologia (PUC/SP - 1966) em História da Filosofia Moderna e Contemporânea (UFPa-1971) Psicologia da Aprendizagem e Percepção, Psicologia Social, Psicofisiologia, Psicologia do Desenvolvimento e Programação de Curso Individualizado.

Que é o alcoolismo? Por que algumas pessoas se tornam alcoólatras? O alcoólatra pode dominar sua compulsão para beber e converter-se em um bebedor social?

Estas e outras perguntas têm sido objeto de repetidas considerações e estudos por parte da Psicologia e de vários estudiosos que se têm preocupado com os problemas do alcoolismo.

Saber responder a tais questões ou ter respostas para elas é algo bastante difícil. As reações de cada um são tão complexas quanto o são as próprias pessoas.

Segundo o Dr. Vaillant, ilustre psiquiatra da Universidade Harvard, em recente estudo sobre os problemas do alcoolismo, alguém se torna alcoólatra a partir do momento em que se deixa controlar quando começa e quando pára de beber. E, uma vez fisgado no campo da bebida, o alcoólatra passa a beber por hábito e não mais apenas por causa de seus possíveis conflitos.

Será que há pessoas predispostas ao alcoolismo? Trabalhos recentes sobre o assunto afirmam que as pessoas são levadas a beber exageradamente e a se tornarem viciadas na bebida, quando se sentem desmoralizadas, marginalizadas no seu meio social ou no meio do trabalho e até mesmo quando sujeitas à influência de amigos que bebem muito. A perda do respeito por parte dos outros, a marginalização social, sem esquecer os distúrbios emocionais provocados, por exemplo, pela situação de desemprego, conforme estamos hoje vivendo no Brasil, são condições

propícias a que alguém se entregue ao vício e à doença do alcoolismo.

Pode ocorrer ainda que o bebedor inicie sua carreira rumo ao alcoolismo porque está certo que "sabe beber" e, só aos poucos, vai perdendo o controle sobre a bebida, até ser por ela inteiramente dominado.

Outras discussões ainda, envolvem saber se há causas genéticas que possam ser responsabilizadas pelo beber. Vários estudos feitos mostram que um em cada três alcoólatras apresentam ao menos um parente próximo também alcoólatra. Os trabalhos de Vaillant, neste campo, revelam que é muito difícil se poder chegar a afirmar que há um fator bio-químico responsável pelo descontrole em relação à bebida. Dizer, pois, que eu bebo porque herdei uma predisposição para tal, parece não ser uma afirmativa que encontre um apoio e uma comprovação nas mais recentes pesquisas sobre o assunto.

Verifica-se, com facilidade, que muitos filhos de alcoólatras, quando adultos, enveredam também facilmente pelos caminhos da bebida. Seria isto, então, uma confirmação de que há predisposições genéticas para a bebida? Parece-nos que devemos responder negativamente. As conclusões a que se está chegando hoje é que, com facilidade, os filhos tendem a repetir o modelo proposto pelos pais. Convivendo com pais que lhes oferecem tais exemplos, mesmo que esse modelo seja inadequado, ainda assim, é ele facilmente absorvido pelos filhos. Mais que fatores biológicos, predisposições bio-químicas ou algo semelhante, trata-se tão somente de mera e simples

aprendizagem, por imitação ou por repetição do modelo, segundo os teóricos da Teoria da Aprendizagem Social. Há bem maior influência a partir do exemplo, do que se pensar em possíveis fatores genéticos. Estes são bem mais difíceis de serem comprovados. O modelo da aprendizagem social, a imagem que lhes é oferecida pelos pais, a influência dos colegas, o desejo de se afirmarem como "homens", a insegurança emocional, e outros fatores talvez, tudo induz facilmente os jovens a se iniciarem no caminho da bebida. E, na medida em que perdem o controle, podem facilmente chegar a se tornarem alcoólatras inveterados.

Um dos pontos mais discutidos sobre o alcoolismo, é saber-se se o alcoólatra pode voltar a beber socialmente, sem chegar a recair na situação de alcoólatra. Os trabalhos de Vaillant e de outros pesquisadores sobre o assunto, chegam a curiosas observações. Em função do grau de alcoolismo em que se encontra o sujeito, poderá ele conseguir parar de beber ou não, tornar-se ou não um simples bebedor social.

A pergunta central - e talvez aquela para a qual talvez seja mais difícil se obter uma resposta é: - Como fazer o alcoólatra parar de beber? A resposta oferecida pelo Dr. Vaillant é esta: "O primeiro passo consiste em reconhecer que o alcoolismo não é um sintoma psicológico, nem alguma inominada e vaga charada metabólica, à espera de ser decifrada. Trata-se de convencer o paciente não de que é um alcoólatra, mas de que é uma pessoa respeitável, com uma doença traiçoeira - uma doença amplamente

tratável, mas que, como o diabete, exige uma grande dose de responsabilidade do paciente. "Esta afirmativa nos situa diante de um ponto de discussão. Válerá a pena conscientizar o alcoólatra de sua condição, buscar convencê-lo de que é portador de uma doença incurável (como procura fazer AA) ou buscar fazê-lo reconhecer a situação a que chegou, o abismo em que caiu e apelar sobretudo para seu senso de dignidade, incentivá-lo para a responsabilidade que ele é só ele poderá assumir? Quando AA fala em "24 horas de sobriedade", é um apelo a um caminho bastante simples. Mas que será igualmente ineficaz, se não há, por parte do bebedor, a convicção de que ele precisa e pode parar de beber. O apelo às 24 horas de sobriedade passa a ser, para todos os efeitos, uma proposta concreta de trabalho, que, se e quando assumida, pode levar o sujeito a um novo caminho.

Uma das mais surpreendentes conclusões do trabalho de Vaillant é que a abordagem da psiquiatria tradicional, útil para sintomas paralelos como a ansiedade, o desespero, a paranóia, é quase completamente inútil para atingir o alcoólatra. Para Vaillant, fatores diversos têm de ser colocados em jogo, se se deseja a recuperação do alcoólatra. Por um lado, há a necessidade de um substituto para o álcool. Tranquilizantes? Talvez. Psicoterapia? Quem sabe? Apoio oferecido por grupos de pessoas colocadas na mesma situação? É bem possível. "Por menos científico que possa parecer, afirma Vaillant, os alcoólatras, em geral, parecem precisar de certa fonte de esperança, ou auto-estima, ou inspiração religiosa - seja lá o nome que se quiser dar - mas

isto se revela mais importante que cuidados psiquiátricos ou hospitalares."

Neste ponto, as observações de Vaillant nos aproximam da filosofia de trabalho proposta por AA. O apelo a um "poder superior, na forma como o concebemos", o desenvolvimento dos grupos de apoio, organizados por pessoas que sofrem na carne o problema, participando de reuniões regulares e periódicas, tudo isso se aproxima e repete o trabalho desenvolvido por AA.

Finalmente, o mais interessante nos trabalhos de Vaillant é a conclusão a que ele chega. Quem melhor promove o que ele denomina "os processos naturais de cura que aliviam sofrimentos e criam esperanças", segundo Vaillant, são os Alcoólicos Anônimos. O primeiro passo proposto por AA - admitir que somos impotentes diante do álcool - é, segundo ele, o primeiro degrau na conquista da sobriedade.

De parabens, portanto, Alcoólicos Anônimos. Continuem. Parece que vocês é que estão no caminho certo.

MECANISMOS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

George Collier

O Prof. George Collier, leciona atualmente na New Brunswick University, New Jersey, U.S.A. Psicólogo, está estudando o comportamento de comer e beber em habitats "quase naturais".
